

Leila Míccolis & Herbert Daniel

# JACARÉS & LOBISOMENS

dois ensaios sobre a homossexualidade



achiamé · socii

## JACARÉS & LOBISOMENS

Como enfrentar a questão do homossexualismo sem cair na apologia vulgar ou na condenação emocional? Trata-se de um enfrentamento cultural, com suas variantes sociais, políticas, psicológicas etc. Os Autores de *Jacarés & Lobisomens* — Herbert Daniel e Leila Mícolis — entendem que a luta pelo prazer é uma luta política. Nós também a entendemos: uma luta fundada no político 24 horas por dia, sem que, com isso, estejamos fazendo qualquer trocadilho de ordem numérica.

E se o tivéssemos, tudo bem! Afinal, este é um livro sério que se permite ser alegre o tempo todo (queiram nos perdoar, mas o novo trocadilho, de ordem semântica, despontou de forma irresistível). A coragem intelectual e humana dos Autores é modelar: assim como para ser *bicha* no Brasil (ou na América Latina) é preciso ser muito *macho*, pra ser *lésbica* é preciso ser muito *mulher*. É preciso ter muito *culhão*, é preciso ter muito *peito*...

Mas este é um livro sério — entendam como quiserem entender o que significa seriedade para nós. Os entendidos no assunto que se manifestem: este é um livro aberto à Diferença. À luta. Ao prazer. À necessidade da opção sexual. Ao sonho e ao devaneio: com muito tato, com muita dor.

Leila Mícolis

Herbert Daniel

# JACARÉS E LOBISOMENS

dois ensaios sobre a homossexualidade

**achiamé**

Rio de Janeiro

1983

**SO'LER**

Compra - Venda - Troca  
Livros - Revistas - Gibis  
Rua Presidente Faria, 175  
Centro - Curitiba - PR

JACARÉS E LOBISOMENS  
dois ensaios sobre a homossexualidade

Copyright © 1983 by Herbert Daniel e Leila Miccolis

Esta obra foi editada em regime de co-edição com o SOCH —  
Pesquisadores Associados em Ciências Sociais — RJ  
Direitos reservados desta edição a  
Edições Achiamé Ltda.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra  
sem a prévia autorização da Editora.

*Capa*

Cláudio Mesquita

*Revisão*

Maria Cristina Britto

*Composição*

Linotípiá Cordeiro

Edições Achiamé Ltda.

Rua da Lapa, 180 sobreloja

Tel.: 222-0222

20021 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

*Editor*

Robson Achiamé Fernandes

*Coordenação Editorial*

Marcos Medeiros

Moacy Cirne

*Assistente Editorial*

Maria Cristina Britto

*Gerente Comercial*

Jaques Ionis Netto

SUMÁRIO

Introdução ao ensaio "Mulher com mulher"

Os papéis do homem

Grande Rio de Janeiro: a mulher e o homem

Conclusão

Notas

Bibliografia

Projeto Gráfico de Priscila Novakowski

Diagramação de Maria Cristina Britto

Revisão de Maria Cristina Britto

Diagramação de Priscila Novakowski

"Mulher com mulher dá jacaré,  
homem com homem, lobisomem"  
(dito popular)



## SUMÁRIO

Intróito ou Pro-nomes Pessoais	9
Os anjos do Sexo	13
Grafias Bio-De/Gradáveis ou/A ou/Sa	19
Crômica	29
Notas Marginais	45
Sexão da Revolução	56
Prazer Gênero de Primeira Necessidade	69
Eram as Lésbicas Marcianas?	73
Diário de Bardo	79
O Movimento Homossexual Brasileiro Organizado — Esse Quase Desconhecido	96
Conclusão	110
Anexo	114
A Síndrome do Preconceito	121

grávida chegou a me dizer possessa: "não tenho nada a ver com a luta homossexual, acho mesmo a das prostitutas 'mais justa'...". Como se as fontes repressoras de ambas não viessem da mesma origem machista, preconceituosa, moralista.

Enquanto a indústria do orgasmo fabrica gozos a atacado(s), de todos os tamanhos — inclusive descartáveis — a gente se propõe a achar o prazer individualizado, porque generalizá-lo é igualá-lo, uniformizá-lo, massificá-lo, massacrá-lo e faz parte da política de padronização do que é "certo" e "errado", perseguindo-se o que sair fora dos esquemas e cânones convencionais. Nenhuma mulher deveria ser criada para criada, nem apenas para reproduzir. Sacanagem não é o que fazemos na cama. É o que fazem conosco. Por tudo isso, fico com o meu "Ponto de Vista": "Eu não tenho vergonha / de dizer palavrões / de sentir secreções / (vaginais ou anais). / As mentiras usuais / que nos fodem sutilmente / são muito mais imorais, / são muito mais indecentes."

## O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO ORGANIZADO — ESSE QUASE DESCONHECIDO

"'Quem cala consente'... Como se o silêncio não fosse a imposição de um discurso"

(Herbert Daniel)

Foi mencionada, na primeira parte, a dificuldade de se começar a criar um espaço para se falar de sexo, como fonte de prazer e ao mesmo tempo reivindicação de luta. Relembrando, a luta político-partidária não encampava as específicas. A esquerda tradicional, inclusive, via os exilados que voltavam com outros tipos de propostas políticas (através da sexualidade), como desbundados (isso em pleno 78/79), o que equivalia a demonstrar todo o descrédito sentido por quaisquer outros meios de luta. Para eles, na austeridade e sisudez estaria

o encaminhamento correto de seus projetos, que fatalmente seriam "desvirtuados", se saíssem destes severos padrões...

Já em 1976, João Silvério Trevisan tentava, em São Paulo, formar um núcleo com pessoas de prática homossexual, sem conseguir. No Rio, desde meados de 77 também se tentava, inutilmente. O que deu muita força e praticamente apoio para se começar o movimento, foi o jornal *Lampião*, cujo primeiro número saiu em abril de 78, e que, no início, serviu realmente como porta-voz de vários grupos estigmatizados. O *Lampião* foi o primeiro a tratar questões sexuais com enfoque político. Daí a sua importância.

Antes dele houve vários "jornais gays", a partir de 1961 (*Snob* foi o primeiro). Uma vez entrevistei estes pioneiros, Anuar Farah e Agildo Guimarães, conseguindo um levantamento das vinte e sete publicações em circulação na época. Foi fundada inclusive a ABIG — ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA GAY, aglutinando todos esses "nanicos" brasileiros. Seu primeiro presidente foi Anuar, que nos conta: "A ABIG foi feita para lutar, porque nós todos tínhamos um ideal, queríamos mostrar que éramos pessoas normais, que fazíamos o que todas as outras faziam, sem diferenças".

Todas aquelas publicações lidavam com o material disponível na época: fatos, fofocas, piadas, notícias de festas, reuniões em que se juntavam pessoas que se sentiam marginalizadas pela sua opção sexual. Como em geral tratavam de amenidades, eram encaradas como "coisa de bichinhas", e em meio a muitas dificuldades, inclusive financeiras, acabaram. Só dezesseis anos depois é que nasceu a "imprensa gay", desta vez maior, profissional, falando de prazer enquanto meta a ser alcançada. A importância do *Lampião* para o movimento homossexual daquele tempo fica constatada quando se observa que logo no mês seguinte ao de seu lançamento, portanto em maio/78, surgiu o primeiro grupo homossexual organizado no Brasil: o SOMOS/SP, homônimo ao da revista do primeiro grupo homossexual da América Latina, a FILHA — FRENTE DE LIBERTAÇÃO HOMOSSEXUAL DA ARGENTINA, já naquele ano massacrada pela repressão estatal.

o necessário numa prática reflexiva. Talvez por isso permitiu-se, na Zona Sul, a presença de uma antropóloga sem vivência homossexual, a qual declaradamente estava ali apenas para colher material para a sua tese de mestrado.

Enquanto a referida pesquisadora frequentou apenas as reuniões do subgrupo que a aceitava não houve problema, já que eles tinham independência na sua organização interna; mas quando ela compareceu à reunião geral (em 9 de dezembro de 1979), com direito a voto e a deliberações, houve tantos protestos que, três dias após, as pessoas dissidentes, informadas, resolveram formar o AUÊ — GRUPO PELA LIVRE OPÇÃO SEXUAL, nome dado quase de brincadeira (auê) pela confusão, movimentação e agito criados em torno do fato.

Não ia nisso nenhuma intransigência nem atitude discriminatória ou contrária às pessoas de vivência heterossexual; tratava-se apenas de que não se via sentido em questionar a repressão às práticas homossexuais com pessoas que não sofriam na pele este tipo de problema. Nesta briga, fiquei com o AUÊ, que fechava mais com minha ideologia. Trecho do primeiro manifesto: “acreditamos que a liberdade sexual seja essencial para uma sociedade mais justa e democrática, sendo portanto parte integrante de uma liberdade mais ampla, social. Tudo o que prejudicar a liberdade sexual afeta necessariamente a liberdade em geral, e vice-versa, sendo a existência de ambas inter-relacionadas e interdependentes. Não nos propomos à mera integração na sociedade atual, pois a vemos profundamente injusta e marginalizadora. Desejamos mudanças em vários níveis, desde a social até a das nossas individualidades. Acreditamos assim poder contribuir para uma luta coerente pelo prazer, direito (e por que também não dever) de toda pessoa”.

Uma das características que diferia o AUÊ dos outros grupos brasileiros estava em que ele foi o primeiro a não aceitar uma “identidade” homossexual, aprofundando a discussão e a crítica à falsa dicotomia que divide os seres em dois. Gente deveria poder apresentar quaisquer tipos de comportamento,

sem que com isso fosse posta em dúvida sua identidade sexual masculina para os homens ou feminina para as mulheres. Passou-se então a usar a palavra homossexual apenas como adjetivo de comportamento e jamais como classificação de pessoas.

Em 15 de dezembro é realizada, no Rio, a primeira reunião preparatória para o EGHO, contando (além do SOMOS/SP, EROS, LIBERTOS, GAAG, SOMOS/RJ e AUÊ) com a participação de dois outros grupos, formados ao longo do ano de 79 — de setembro a dezembro: o BEIJO LIVRE, de Brasília e o SOMOS/SOROCABA. Ficou marcado para abril (Semana Santa), em São Paulo, o grande encontro.

Em 79 três fatos importantes a ressaltar, sendo o primeiro, internacional: o 12º Congresso da Anistia Internacional (reunido em Louvain, Bélgica) configurou como “prisioneiras de consciência” as vítimas de opressão sexual (ou seja, quem fosse aprisionado, detido ou restringido fisicamente, de qualquer modo, pelo sexo); assim, como preso político, se adquiria o direito a asilo. Com relação a isso, convém se lembrar que a Suécia já era um dos poucos países cuja legislação previa a concessão de asilo por razões de discriminação à opção sexual. Essa lei, porém, jamais fora aplicada a estrangeiros. Coube a uma mulher brasileira, Maria Josenilda Felix Duarte, inaugurá-la, quando, num processo que durou dois anos, inclusive com documentos comprobatórios de que a prática homossexual no Brasil pode ser considerada atentatória à moral e aos bons costumes, ela obteve o asilo, em 28-7-81.

Josenilda conta que até na luta armada, numa organização maoísta, ela foi discriminada por suas práticas homossexuais. “Aí minha cabeça pirou, o pânico político misturou-se ao sexual”. Em 74 foi para Portugal, onde constatou que a Revolução dos Cravos não abalara certos preconceitos. Sempre considerada *presona non grata* por onde passasse, em 79 ela entrou com o processo na Suécia. “Meu pedido de asilo não foi só para defender meu direito homossexual, mas para defender todo um grupo social”. Realmente, criado o precedente, outros casos poderão nele se basear, para atingirem igual objetivo.

Os outros dois fatos de destaque ocorreram no campo jurídico: a absolvição do jornalista Celso Curi (em 12 de março), pela 14ª V. Criminal de São Paulo, com processo desde 1977 por ter sido enquadrado no artigo 17 da Lei da Imprensa, por "ofensa à moral e aos bons costumes", através de sua "Coluna do Meio", no jornal *Última Hora*, de SP; e, em outubro/79, o arquivamento pela 4ª V. Federal do inquérito instaurado, desde agosto de 78, para a apuração da participação ilícita de cada um do Conselho Editorial do *Lampião*, invocando-se novamente o mesmo artigo, e a mesma Lei 5260/67.

1980 foi um ano de grande movimentação: em 29 de fevereiro, surge em Salvador o GGB — GRUPO GAY DA BAHIA, que se apresenta como uma "associação de homossexuais que tem como objetivo refletir e trabalhar em prol da liberdade sexual em geral, e, mais especificamente, lutar pela causa homossexual". O GGB sempre foi dos mais ativos no Brasil, em grande parte incentivado por um dos seus fundadores, o antropólogo Luís Mott. Foi um dos poucos que conseguiu agir junto às populações carentes, inclusive prestando serviços médicos gratuitos e fazendo levantamento de doenças venéreas com os travestis do Pelourinho.

Em junho, realizou-se o Encontro, dividido em duas partes: a fechada (EGHO, com participantes apenas do MH e onde discutiu-se temas que interessavam a estes movimentos) e a aberta (o EBHO — Encontro Brasileiro de Homossexuais), no teatro Ruth Escobar, um coroamento de todos os nossos trabalhos e esforços. Entre os consensos do EGHO estavam: "entrar em contato com médicos, psicólogos, psiquiatras e interessados, dentro dos grupos e fora deles, para elaborar trabalhos sobre homossexualismo, criando discussão dentro do Congresso Anual da SBPC; criar, em cada grupo, comissão encarregada de estudar medidas para viabilizar: 1) a alteração da Constituição Brasileira no que diz respeito à opção sexual, incluindo este termo nos direitos individuais do cidadão; 2) a alteração no Código Internacional de Doenças — OMS —, seguido pelo INAMPS, do artigo 302.0 que inclui o homossexualismo como desvio mental; elaborar carta, destinada à Associação de Psiquiatria e de Psicologia do Brasil, denunciando

o tratamento dado aos homossexuais; denunciar junto ao Conselho de Psicologia a discriminação feita durante o recrutamento e seleção de candidatos a emprego; preservar a autonomia do MH, enquanto movimento, sem se afastar a possibilidade de uma participação individual de homossexuais em outras lutas".

Este último item já previa a terrível tormenta que se abateria em São Paulo, proporcionando o racha do SOMOS, no famoso 17 de maio. Desde junho de 79 que alguns militantes da Convergência Socialista (organização política de linha trotskista, posteriormente vindo a se integrar ao PT) participavam do SOMOS/SP, motivando-se depois para organizarem a FHCS — FRAÇÃO HOMOSSEXUAL DA CONVERGÊNCIA SOCIALISTA. Este núcleo, com suas propostas de atividade política claramente definidas junto ao operariado do ABC (Grande São Paulo), veio a se chocar com a maioria dos fundadores do SOMOS, de orientação anarquista, preocupados em discutir mais expressamente a sexualidade.

Estas duas tendências contraditórias entraram em choque violento a partir do 1º EGHO, culminando na comemoração do 1º de maio de 1980, quando uma parte foi participar das festividades dos operários em São Bernardo do Campo, inclusive com faixas denunciando a discriminação ao trabalhador homossexual, e a outra parte resolveu fazer um piquenique no Ibirapuera.

A 17 de maio (80) consolidou-se o racha. O grupo dos "antigos" considerou-se desligado do SOMOS e formaram um novo agrupamento que, a 25 de maio, se denominou OUTRA COISA — GRUPO DE AÇÃO HOMOSSEXUALISTA, e em cujo primeiro manifesto afirmava: "De repente, decretou-se que as bichas e lésbicas do SOMOS tinham que ser solidários às lutas dos setores oprimidos da população. Isto porque, sendo oprimidos, deveríamos apoiar todos os outros setores que o eram. Assim, esta posição passou a ser um dogma dentro do grupo. Os que dela discordavam eram tidos como 'fascistas', 'inconseqüentes'. CONSIDERANDO que a imagem externa do Grupo SOMOS está irreversivelmente associada ao grupo Convergência Socialista; que a autonomia do

encontro ao que somos, mulheres e homens aos bandos, marginalizados e oprimidos em nossa sexualidade, e ao que querem ser: pessoas, vivendo e convivendo sem diferenciações sexuais, raciais, sociais, e, portanto, numa sociedade libertária. Ao assumirmos o lado de cá, não pretendemos reafirmar a segregação de que somos vítimas, mas denunciá-la, ao definirmos a face da opressão em cada fatia de nossas vidas". Infelizmente, este grupo teve curta duração.

A 10 de julho, durante a realização da 32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), os grupos AUÊ e SOMOS/RJ organizaram um grande debate, que contou com a presença de mais de seiscentas pessoas e a participação de outros grupos: GALF, OUTRA COISA, SOMOS/SP, grupos feministas e negros do Rio e manifestos de BEIJO LIVRE, GGB e GATHO. A idéia de se intervir na SBPC surgiu no Iº EGHO, quando, após uma série de discussões, ficou patente que a ciência, em quase todas as suas expressões, pelo academicismo e cientificismo com que trata o assunto, "é uma das maiores responsáveis pela atual marginalização e opressão sofrida pelos homossexuais" (*Lampião*, nº 27). O debate teve de ser realizado no *hall* do nono andar do campus da UERJ, já que não foi concedida autorização para ser feito nas reuniões oficiais da SBPC.

No entanto, apesar do estrondoso êxito conseguido com a polêmica gerada em torno do tema "Homossexualismo, Repressão e Ciência", houve quem o criticasse. Francisco Bittencourt, um dos redatores do *Lampião*, no mesmo número, afirma que: "Os homossexuais foram dar vexame num saguão, cedido com o maior desdém pelos promotores do Encontro (e as bichas dizem que 'invadiram o Congresso da SBPC') para que os representantes de alguns grupos homossexuais usassem mais uma vez de seus jargões mais batidos do que os do Partido Comunista. O que o pessoal quer é entrar mesmo para o PT e colher as migalhas de poder que lhes forem lançadas".

Com isso começava-se a delinear a campanha contra os grupos ativistas, realizada pelo jornal *Lampião*, que em seu número 29 já não fazia mais menção alguma a respeito do MH, sequer publicando a anteriormente costumeira seção:

"Escolha seu Grupo". Estes reagiram, comentando com perplexidade o gradual afastamento do jornal, numa carta aberta ao *Lampião* e assinada pelos AUÊ/RIO, SOMOS/RJ, BANDO DE CÃ/NITERÓI, GALF, GGB e GOLS/ABC.

O periódico passa então a acusar nominalmente seus "detratores" e adquire uma linha claramente revanchista e anti-ativista. Esta situação vai perdurar até o último número, o 37, em junho/81. Foi lamentável esta disputa por todos os motivos: os grupos perderam um espaço importante para a veiculação de suas idéias; os leitores do jornal se desmotivaram em relação aos grupos; e o jornal desgastou-se junto de uma de suas bases de sustentação, vindo a implodir por questões internas.

A partir do racha do SOMOS/SP, o OUTRA COISA iniciou um movimento de trabalho junto com os grupos EROS e LIBERTOS, formando o MHA — MOVIMENTO HOMOSSEXUAL AUTÔNOMO, em oposição ao "excessivo engajamento político-partidário" de que acusavam o SOMOS. Segundo o MHA: "Autonomia significa termos a nossa própria análise e as rédeas dos nossos destinos como organização e a prioridade na discussão e defesa da questão homossexual. Autonomia significa entender, na prática, que somos um movimento político, mas não partidário. Isso não quer dizer ausência de discussões sobre temas relevantes da nossa situação política-social, mas que não sejamos utilizados em nome de discursos 'mais amplos' ou 'mais importantes'. Ou em nome de interesses que não são os nossos".

Em setembro de 80 aparece o grupo NÓS TAMBÉM — GRUPO DE ATUAÇÃO HOMOSSEXUAL, em João Pessoa (PB). Entendendo que as manifestações artísticas eram uma das melhores formas de superação da dicotomia teoria/prática, esse grupo a elas deu ênfase, através de filmes super-8, espetáculos teatrais, produções de artes plásticas, realizando até uma série de pichações favoráveis ao Movimento Homossexual, aproveitando a onda de graffiti que há alguns anos predomina nas grandes cidades.

Na mesma época surgiram também dois grupos homossexuais exclusivamente de negros: o GRUPO DE NEGROS

HOMOSSEXUAIS (de SP), por um ex-integrante do SOMOS e o ADÊ-DUDU (de Salvador), por um ex-integrante do GGB. ADÊ-DUDU significaria "homossexual negro", na linguagem do candomblé. Ambos os grupos se queixavam do pouco espaço que havia dentro do MH para a discussão do problema específico do negro, ao mesmo tempo em que não encontravam dentro do movimento negro um clima para a discussão de práticas homossexuais.

Resta lembrar ainda a existência de mais três grupos: COLETIVO ALEGRIA ALEGRIA, TERRA MARIA — OPÇÃO LÉSBICA (ambos em SP) e DIALOGAY (de Aracaju, SE), os três surgidos mais ou menos na mesma época, final de 80. O primeiro foi organizado em outubro/80 por ex-integrantes do SOMOS e do GALF, e funcionou como núcleo de estudos e debates. O segundo, definiu-se a partir do nome: "Terra porque é energia, algo que está nascendo da natureza. Muita força. Maria, um nome comum que engloba tudo, muita coisa. Um nome que está em toda parte. Opção lésbica porque é a nossa opção, uma identificação". Perguntadas se a criação de mais um grupo não enfraquecia o movimento, responderam: "é com a pluralidade que teremos um confronto de idéias. Não estamos disputando o poder com os outros, rivalidade, nada disso. Se há divergência é quanto à metodologia". DIALOGAY, embora com muitas dificuldades, sobrevive e ainda continua de pé, inclusive com a publicação do seu boletim, vendido em bancas de jornais de Aracaju.

O MH, que nos seus áureos tempos (segunda metade de 80) chegou a contar com dezessete grupos pelo país, alguns deles com centenas de ativistas, a partir de 81 sofre notável descenso (não só ele como também os grupos de mulheres e negros), com a extinção dos menores e esvaziamento geral das atividades. Possíveis causas: briga entre o *Lampião* e os grupos, com uma divulgação negativa que desentusiasmava os possíveis interessados; um certo cansaço dos ativistas, desgastados ao longo do processo e dos conflitos de 80; as condições gerais da conjuntura sócio-política do país, nos percalços da "abertura" do governo Figueiredo, junto aos impasses dos

diversos partidos de oposição. Como tentativa de sobrevivência, o AUÊ aliou-se ao SOMOS/RJ passando a funcionarem, na prática, como um só grupo. Em São Paulo, amainou-se o clima de hostilidade entre os ativistas, a ponto de comemorarem juntos, em maio de 82, os quatro anos do MH brasileiro.

Houve momentos memoráveis naquele ano de 80: as discussões em faculdades e as moções lidas em vários eventos significativos da política brasileira. Em 13 de junho, SP, quase mil pessoas em passeata na rua: "homossexuais" e prostitutas protestando contra a violenta repressão (principalmente aos travestis), exercida pelas forças policiais do delegado Richetti. Panfletos foram distribuídos, denunciando arbitrariedades, espancamentos, prisões ilegais, humilhações, curras.

Ainda em junho, dias 14 e 15, o Iº Congresso da Mulher Fluminense, no Rio, onde se conseguiu, pela primeira vez num encontro heterogêneo deste tipo, moção de solidariedade às mulheres "homossexuais", empenhadas na luta contra a violência e a discriminação (*anexo nº 1*); fechando o mês, dias 21/22, em SP, o Encontro de Grupos Feministas em Valinhos, da maior importância para clarear rumos e expectativas comuns dos movimentos feminista e homossexual.

Em 28-8-80, o repúdio aos atentados terroristas, através de nota entregue ao CBA, e outra aos Sindicatos dos jornalheiros e aos jornais incluídos no Listão (*anexo nº 2*). Em 16 de outubro de 80, outro momento a ser lembrado com emoção foi o do ato público em que grupos feministas e homossexuais se juntaram para protestar contra a onda de assassinatos, gigantesca na época (*anexo nº 3*). Em 20-11-80, a comemoração do "Dia da Consciência Negra" e aniversário da morte de Zumbi, na Cinelândia (*anexo nº 4*). O MH esteve presente em momentos importantes da vida brasileira, e se no fim transcrevo cinco textos, é para demonstrar a vinculação de sua luta com outra mais ampla, que também passa pela sexual para atingir seus objetivos democráticos.

No ano de 82, já houve alguns marcos significativos, a saber, maio: em SP, a comemoração dos quatro anos do MH, com uma semana de debates, filmes e festas no Teatro Ruth Escobar, em promoção conjunta de todos os grupos paulistas;

*junho*: no Rio, a comemoração do “Dia da Luta Homossexual”, numa promoção do AUE/Rio e SOMOS/RJ, através de debates no Teatro Ipanema, local lotado (gente em pé por todos os lados), contando com a participação de Herbert Daniel, Eduardo Mascarenhas, Lélia Gonzales, Glauco Mattoso e show de Lecy Brandão, Bráulio Tavares, GANG, entre outros; *julho*: liderados pelo GGB e NÓS TAMBÉM, o MH participa intensamente da 34ª Reunião Anual da SBPC, provocando debates, intervindo e denunciando os preconceitos pseudocientíficos contra a livre orientação sexual. Vale salientar também a campanha do abaixo-assinado, com mais de vinte mil adesões, contra o item 302.0 do CID, adotado pelo INAMPS. Ainda em julho, em Recife e Olinda, o GATHO promove um curso sobre homossexualismo, dentro do Encontro Nacional de Estudantes de Medicina, atingindo plenamente suas intenções de desmascarar a ideologia repressora exercida por grande parte da classe média.

### Conclusão

O MH, em seus quatro anos de batalha, se teve erros e falhas (esta rima é inevitável...), também alcançou alguns objetivos importantes: amadureceu seus membros, que já conseguem uma participação política sem medo de perder a autonomia do movimento; esclareceu melhor a opinião pública, através dos órgãos de divulgação e de debates, sobre a prática homossexual como uma das possíveis orientações sexuais do ser humano; e influenciou alguns partidos, através de sua atuação, principalmente o PT: enquanto em 79 Lula dava entrevista dizendo que desconhecia a existência do homossexualismo entre a classe operária (*Lampião*, nº 14), já em 82 a plataforma eleitoral nacional do PT afirma, em seu item 7: “SOMOS TODOS IGUAIS: CHEGA DE DISCRIMINAÇÃO: O Brasil que queremos não é apenas o povo comendo, morando, tendo saúde, se vestindo e se educando. A vida que almejamos tem que ser baseada sobretudo numa relação pro-

fundamente humana e fraternal, igualitária, entre as pessoas, sem nenhum tipo de discriminação”.

Neste tópico existe uma sucinta análise dos dramas cruciantes dos diversos grupos estigmatizados, inclusive afirmando: “Os homossexuais são humilhados e discriminados, tratados como doentes ou caso de polícia. (...) É preciso acabar com todas as formas de discriminação. As minorias, índios e homossexuais, têm que ser integralmente respeitadas”. Evidentemente, uma tão grande transformação não acontece por mero acaso, e sem dúvida alguma foi obra também do “duplo ativismo” de algumas pessoas no PT e no MH. E é importante que se leve a discussão de sexualidade inclusive para a área parlamentar, para que se abra cada vez mais tribunas e espaços de intervenção, ensejando também mudanças de leis anacrônicas que não atendem mais à realidade social.

Por enquanto, estamos engatinhando em lutas político-apartidárias. Nosso estágio ainda é o da mobilização da opinião pública através do grito: berra-se o mais possível até que nosso clamor desperte a atenção do maior número de pessoas. Mas não se trata de uma gritaria histérica. É histórica. Estes grupos ainda estão na batalha, procure por eles:

AUE/RIO — Caixa Postal nº 25029 — CEP: 20552 — RJ  
DIALOGAY — Caixa Postal nº 298 — CEP: 49000 —  
Aracaju — SE  
GALF — Caixa Postal nº 62618 — CEP: 01000 — SP  
GATHO — Centro Luiz Freire, R. 27 de Janeiro, 181 —  
Carmo — CEP: 53000 — Olinda — PE  
GGB — Caixa Postal n.º 2552 — CEP: 40000 — Salvador  
— BA  
NÓS TAMBÉM — R. Orris Soares, 51 — Castelo Branco —  
CEP 58000 — João Pessoa — PB  
OUTRA COISA — Caixa Postal nº 62699 — CEP: 01000  
— SP  
SOMOS/RIO — Caixa Postal nº 3356 — CEP: 20100 — RJ  
SOMOS/SP — Caixa Postal nº 22196 — CEP: 01000 — SP

\* \* \*

Comecei com uma frase, vou terminar com outra, ouvida de uma líder de um grupo lésbico-feminista de SP. Falava-se de aborto e a moça foi categórica: enquanto feminista era a favor; mas enquanto lésbica o problema não lhe dizia respeito. Para ela, algumas questões não atingiam as "homossexuais", como se elas fossem categoria à parte, e não, simplesmente, MULHERES.

E é isso o que a repressão faz conosco, até mesmo com quem tenta questionar este estado de coisas: confunde-nos a tal ponto que passamos a ter uma vida dupla, bipartida, esfacelada, dicotomizada, esquizofrênica. E quanto mais se divide, mais se conflita, mais se quebra uma pessoa em várias partes para melhor subjuga-la. Escapar desta armadilha deve ser meta prioritária, chega de fazer das manifestações do prazer (desde o desejo até a vontade de viver) uma mercadoria de luxo, inacessível ou supérflua. Não há classe no mundo que precise só de pão para ser feliz. Não queremos uma vida penosa, apenas com deveres e obrigações, difícil de se suportar, onde *sobreviver* seja o brinde máximo e todo o restante pequenos prêmios de consolação... A alegria, a satisfação e o prazer também são gêneros de primeira necessidade.

#### FIM

#### PUBLICAÇÕES DA "IMPrensa GAY"

##### DÉCADA DE 60

*O Snob*  
*Le Femme*  
*Subúrbio à Noite*  
*Gente Gay*  
*Aliança de Ativistas Homossexuais*  
*Eros*  
*La Saison*  
*O Centauro*  
*O Vic*  
*O Grupo*

*Darling*  
*Gay Press Magazin*  
*28 de Abril*  
*O Centro*  
*Os Felinos*  
*Opinião*  
*O Mito*  
*Le Sophistique*  
*O Galo*  
*Na Bahia:*  
*O Gay*  
*Gay Society*  
*O Tiraninho*  
*Fatos e Fofocas*  
*Baby*  
*Zéjro*  
*Little Darling*  
*Ello*

##### DÉCADA DE 70

Colunas de Celso Curi, de Glorinha Pereira, de Fernando Moreno, respectivamente nos jornais: *Última Hora* (SP), *Jornal de Copacabana* (RJ), *Diário de Notícias* (RJ)

*Entender*  
*Journal Gay Internacional*  
*Lampião*  
*Peteca e Rose\*\*\*\*\**  
*Boca da Noite*  
*Rádice\*\*\*\*\**  
*Jornal Dobrabil\*\*\*\*\**

##### DÉCADA DE 80

*Macho-Sex\*\*\*\*\**  
*AUE/Jornal de Sexualidade\*\*\*\*\**  
*Iamuricumá*

Coverboy  
Play Gay  
Exclusive Gay  
Luta e Prazer\*\*\*\*\*  
Revista Dedo Mingo\*\*\*\*\*

#### PUBLICAÇÃO DOS GRUPOS DO MH BRASILEIRO

- 1979 — *Suruba* — grupo Somos/SP (antes do racha)  
1980 — *Boletim do Gathó* (PE)  
— *Corpo* — grupo Somos/SP (após o racha)  
1981 — *Chanacomchana* — grupo Galf/SP  
— *Manga Preta* — grupo Beijo Livre/Brasília  
— *Caderno de Textos*, do MHA — SP  
— *O Bandeirante Destemido* (Guia Gay de SP) — grupo Outra Coisa-SP  
— *Boletim*, do Dialogay (SE)  
— *Guia Gay da Bahia* — Grupo Ggb — BA  
— *Boletim*, do Ggb — BA  
1982 — *Boletim*, do Auê e Somos/RJ

Obs.: Essas publicações seguidas de asteriscos (\*\*\*\*\*)  
não são exclusivamente “homossexuais”, embora abram grande espaço para o assunto.

#### ANEXO Nº 1

##### MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE AO 1º CONGRESSO DA MULHER FLUMINENSE

“Representado no 1º Congresso da Mulher Fluminense o AUÊ, grupo pela livre opção sexual, se une às suas irmãs de opressão em todas as reivindicações específicas de nossos direitos humanos, na luta ampla, geral e irrestrita contra todo tipo de massacramento responsável pelo esvaziamento de seu discurso ideológico, ao considerá-las minoria, quando, na verdade, elas são maioria numérica da população e força transformadora desta sociedade discriminatória e antidemocrática”.

Rio, junho/80

#### ANEXO Nº 2

##### CARTA ABERTA AOS SINDICATOS DOS JORNALEIROS E AOS JORNAIS INCLUIDOS NO LISTÃO CONTRA OS ATENTADOS TERRORISTAS

Através da imprensa, o Grupo Auê/Rio — pela livre opção sexual e de liberação homossexual — tomou conhecimento de bombas colocadas em bancas onde são vendidos jornais alternativos, os mais ativos em denúncias às arbitrariedades diárias.

Estranhamos que a polícia, sempre tão ciosa de sua eficiência quando se trata de ameaças esquerdistas, se mantenha omissa frente aos fatos que evidenciam um terrorismo de direita.

Nós que lutamos pela liberdade sexual só a podemos conceber dentro de uma sociedade democrática. Assim, nos solidarizamos com os jornalistas e os jornalistas ameaçados no cumprimento do seu dever, e condenamos todo e qualquer atentado contra as liberdades humanas.

Rio, julho/80

#### ANEXO Nº 3

##### MOÇÃO DE SOLIDARIEDADE LIDA NO ATO PÚBLICO DE 15-10-80

Nós, do Grupo Auê — pela livre opção sexual e contra a repressão homossexual, queremos nos solidarizar com todas as mulheres oprimidas e com todas as pessoas que sofrem coação por seus atos homossexuais, a elas nos juntando nesta manifestação, contra o machismo, contra a violência.

Não queremos a repetição de relações autoritárias entre dominador e dominado; não queremos a lei inocentando culpados e condenando as vítimas das suas agressões, em nome de uma hipócrita legítima-defesa da honra; não queremos a deturpação e o sensacionalismo por parte dos meios de comu-

nicação, responsáveis por uma série de estereótipos sobre as mulheres e as pessoas consideradas sexualmente desviantes. Basta de manipular lemas como "liberdade", "ciúme", "paixão", "honra", "dignidade", "respeito", conceitos que sempre estiveram a serviço do poder e de suas arbitrariedades.

A par de uma transformação político-econômica, queremos uma profunda mudança cultural, permitindo a cada homem e a cada mulher o direito à sua própria vida, à opção de seus caminhos, ao prazer, ao exercício pleno de sua sexualidade, ao acesso a meios contraceptivos, se assim o desejarem, mesmo que essa atitude seja contrária aos propósitos lucrativos de uma sociedade preocupada tão-somente com seus próprios interesses e com a manutenção de falsas separações entre homens e mulheres, entre homossexualidade e heterossexualidade.

O machismo que conduz à violência sobre as mulheres é o mesmo que permite a repressão diária, desde a prisão até os assassinatos de todas as pessoas que vivenciam sua homossexualidade, por acharem estas à margem dos padrões considerados legítimos pela sociedade patriarcal. Portanto, a mulher que pratica atos homossexuais tem seu assassinato duplamente justificado, na medida em que não exerce o papel de reprodução que lhe é historicamente destinado.

Todos esses crimes atentam contra os direitos humanos e denunciam uma sociedade calcada não só nas disparidades sociais, mas também nas sexuais e raciais. Cabe a todos nós a luta pela liberdade em todos os níveis, e por uma sociedade mais justa e democrática.

#### ANEXO Nº 4

#### MOÇÃO DE APOIO LIDA NO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA, 20-11-80, NA PRAÇA CINELÂNDIA

Quando da comemoração do 20 DE NOVEMBRO, Dia da Consciência Negra e aniversário da morte de Zumbi, o

Grupo Auê pela livre opção sexual, vem prestar sua solidariedade a todos aqueles que são alvos de qualquer forma de discriminação por pertencerem à raça negra.

O negro tem sido sistematicamente oprimido ao longo da História do Brasil e o é ainda hoje quando, sob uma falsa noção de "democracia racial", se pretende escamotear todo um aparato repressivo destinado a negar-lhe sua identidade enquanto pessoa e a sua importância na construção da sociedade brasileira.

Em nome da necessidade de exploração colonial, toda uma série de estereótipos e preconceitos foram erigidos e redefinidos até os nossos dias para perpetuar o sistema de dominação capitalista, mantendo-se a condição do negro como mão-de-obra servil: o escravo de ontem é o operário de hoje enquanto os senhores da Casa Grande se sucedem de pai para filho reconstruindo sempre o patriarcalismo e seus mecanismos de opressão.

A mulher e o homem negros que vivenciam sua homossexualidade tem sua opressão ainda mais justificada em função de sua preferência sexual. A violência determinada pela sua cor numa sociedade racista é acrescida a violência determinada por sua opção sexual numa sociedade machista. O negro que exerce sua homossexualidade não é somente abordado por policiais, preso, torturado, preterido no trabalho, discriminado na escola, no sindicato, no partido por sua negritude, mas também por ser considerado sexualmente desviante. Este negro é, portanto, duplamente reprimido ou ainda mais, caso se trate de uma mulher e seja pobre.

Acreditamos assim que a construção de uma sociedade realmente capaz de garantir a todos uma verdadeira democracia, numa luta de todos os oprimidos, só pode ser alcançada através de uma transformação capaz de abolir também o racismo e o machismo, conceitos e atitudes que algumas vezes se aproximam e até se confundem. Por isso, nós, que lutamos pela livre opção sexual e contra a discriminação à homossexualidade, repudiamos toda e qualquer forma de racismo.

**CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, SEXUAL E  
À HOMOSSEXUALIDADE!**

CONTRA A VIOLÊNCIA SOBRE HOMENS E MULHERES NEGROS QUE VIVENCIAM SUA HOMOSSEXUALIDADE!

PELA LIVRE OPÇÃO SEXUAL!

Rio, 20-11-80

ANEXO Nº 5

### CARTA ABERTA AOS CANDIDATOS ÀS ELEIÇÕES DE 82

Os grupos Auê e Somos/RJ de Liberação Homossexual vêm trazer a discussão pública uma questão que usualmente tem sido esquecida pelas forças políticas em nossa sociedade: a questão homossexual.

Estamos apresentando os seguintes pontos mínimos que achamos indispensáveis para que possamos viver no Brasil como pessoas íntegras e no pleno exercício de nossos direitos humanos.

Esperamos com interesse a sua opinião sobre os pontos seguintes, pois é nossa intenção divulgar as respostas recolhidas como parte de uma campanha de esclarecimento da opinião pública nesta atual fase pré-eleitoral.

1 — Apoiar reforma constitucional que, no capítulo dos direitos individuais, acrescente a proibição de discriminação pela orientação sexual, além das já existentes por raça, credo e sexo. Ficaria assim assegurado o direito à livre escolha do parceiro sexual entre pessoas maiores, sejam ou não do mesmo sexo, sem que por isso possam ser discriminadas de alguma forma.

2 — Encaminhar e apoiar projetos de lei que proíbam a discriminação pela orientação sexual em todos os âmbitos específicos onde seja necessário, por exemplo, no trabalho, moradia, etc.

3 — Agir junto aos Ministros da Previdência Social e da Saúde para que haja supressão do item 302.0 "homossexualismo" do Código Internacional de Doenças, já que a livre orientação sexual é um direito do indivíduo, que não pode

por isso ser considerado criminoso, nem doente, nem imaturo, nem desviante, nem incluído em qualquer outra categoria discriminatória.

4 — Colaborar para o fim da repressão, prisão e violência que muitas vezes, ao arrepio da lei, são cometidas até mesmo pelas forças policiais contra pessoas de comportamento qualificado de homossexual. Por exemplo, categorias criminais ambíguas como atentado ao pudor público ou ato obsceno são usadas regularmente para reprimir manifestações de afeto entre pessoas do mesmo sexo.

5 — Denunciar a veiculação, nos diversos órgãos de imprensa e de comunicação, de mensagens que fortaleçam preconceitos e discriminações contra indivíduos a partir de sua orientação sexual.

6 — Lutar para que da Lei de Imprensa seja eliminado o item de "preservação da moral e bons costumes", usado para incriminar pessoas e jornais que discutam homossexualismo.

7 — Lutar para que o conceito de legítima defesa se restrinja à defesa da vida, e não à defesa da "honra", pois baseados em tal ambíguo conceito muitos homicídios têm sido cometidos e permaneceram impunes.

8 — Promover a inclusão nos Programas de Educação Sexual do direito à livre orientação sexual, incluindo discussões sobre homossexualismo como uma das formas de preferência sexual.

9 — Reconhecer e apoiar a existência pública dos grupos organizados de liberação homossexual, entidades que lutam pelo direito à livre orientação sexual dos indivíduos, sem que por isso sejam vítimas de preconceitos e violências.

10 — Lutar por uma sociedade mais justa, onde sejam eliminadas todas as formas de opressão e exploração, incluindo aquelas que atualmente são usadas contra os diversos setores oprimidos, tais como as mulheres, negros, índios, pessoas de orientação homossexual e todos aqueles que vivem em condições sub-humanas.

Entre seus fundadores, se destacavam dois escritores: o mesmo Trevisan e Glauco Mattoso, que desde 77 fazia o *Jornal Dobrabil*, com a sua deliciosa galeria alegria — notem que o “I” é escrito como o lambda grego, em muitos países o símbolo do MH, além de uma série de brincadeiras com a palavra *gay*, alegria em inglês. Segundo depoimento da época, não houve *a priori* nenhum plano organizado sobre o funcionamento do grupo, a única coisa que tinham em mente era se encontrar fora dos locais do chamado gueto. A partir destas conversas iniciais, começou um processo de conscientização de como era inédita e necessária a experiência deles.

Durante muitos meses o SOMOS não teve preocupação de divulgação externa. Suas atividades consistiam, basicamente, em papos e reflexões. Neste período buscavam alcançar uma identidade enquanto grupo, a partir da vivência homossexual, elemento comum a todos. “A coisa não foi fácil. Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas freqüentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar o ponto comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida porque tudo era novo. E uma extrema oscilação de gente entrando e saindo. Muitos vinham para espiar. Se decepcionavam. De fato, não tínhamos nenhuma fórmula para mudar o mundo. Eles iam embora. Pelos motivos mais diversos. Só não diziam que era por medo, insegurança — coisa que todo mundo lá dentro sentia”.

Quase no final de 78, foi atingida uma nova fase, mais pública e formalizada: houve uma reunião ampla no Teatro da Praça, para a qual anteriormente foram distribuídos panfletos mimeografados, e após o debate da USP (fev./79) o grupo se tornou amplamente conhecido, ganhando seus contornos definitivos. Um dos problemas mais sérios era a ausência de mulheres. As poucas que no decorrer de 79 se organizaram no SOMOS passaram então, dentro dele, a formar o LF — LÉSBICO-FEMINISTA —, por acharem que seus problemas eram específicos, isto é, a maioria masculina tendia a discutir assuntos masculinos, em detrimento dos femininos. A esta altura, já havia em São Paulo mais dois grupos:

o LIBERTOS (de Guarulhos, em abril) e o EROS (de SP, em maio).

No Rio, a primeira experiência a ser concretizada foi o GAAG — GRUPO DE ATUAÇÃO E AFIRMAÇÃO GAY, criado em 1/7/79. Pontos interessantes a salientar: sua composição era mista, mas a maioria era de mulheres, inclusive na coordenação; seu âmbito de atuação foi basicamente a Baixada Fluminense (região famosa por seu alto índice de criminalidade, pobreza e descaso governamental), com seus componentes morando em Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti; e sua curta vida, pois não chegou aos primeiros meses de 1980, nada mais se ouvindo a seu respeito.

Motivados pelos freqüentes artigos publicados no jornal *Lampião* sobre os primeiros grupos paulistas, alguns cariocas passaram a fazer contato com os mesmos, ou através de cartas, ou mesmo indo a SP participar de reuniões, até que em setembro de 1979, com cerca de cinquenta pessoas, e entre elas lá estava eu, é formado um agrupamento no Rio, posteriormente chamado de SOMOS/RJ — em sinal de união com o seu homônimo, seguindo uma estrutura semelhante: reuniões de recepção para os novos membros; de reflexão, em que se desenvolvia a consciência individual face à repressão social; e subgrupos de atividades.

O primeiro racha do MH brasileiro se deu no Rio, em dezembro, nas vésperas da prévia do Iº Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO). Possível motivo: o SOMOS/RJ, desde o seu início, devido ao grande número de participantes, teve necessidade de se dividir em dois subgrupos: um na Zona Norte, o outro na Zona Sul, o que acarretou experiências diferentes e práticas até certo ponto conflitantes, visto que, enquanto na Zona Norte se privilegiava a reflexão pessoal — o que significava a fala (difícil e até dolorosa) em primeira pessoa, ao expor as experiências vivenciadas —, na Zona Sul a ênfase era dada a discussões metodológicas sobre as melhores formas de organização, não implicando, portanto, um envolvimento individual tão forte quanto